

Qualquer Coisa Que Seja Não É

O raio de luz que atravessa a fresta da porta, o mais puro ar que adentra todo espaço mesmo pelo orifício mais estreito, o perfume que exala de uma flor e impregna o ambiente, o oco da taça que receberá o líquido, o som mais belo que penetra a intimidade do nosso coração, o sono-sonho que nos revela imagens inéditas, enigmáticas e luminosas, a alegria em saber do tempo-andante e do tempo fluído do sensível e daquele da permanência, e tantas outras expressões finas e maravilhosas, tudo isso, por mais que seja, não *É*.

*Revelado não é claro
Oculto não é escuro.
Lao Tsé*



Nosso instante criador, nossa intuição fulgurante, o silêncio gritante que emerge no presente, o espaço expandido, a ausência de matéria ou qualquer outra coisa que seja semelhante a estas, não *É*.



O silêncio, o brilho, o parado que surgiu do extremo rápido, o poema que fez parar o pensamento, o sentimento que mostrou o caminho, a intuição que inspirou a escolha ou qualquer coisa desta natureza, também não *É*.

Estas representações do *É*, que no nosso percurso de viandante vamos desvendando em nosso caminhar, em nossas experiências de humano, vai nos preenchendo um qualquer que aspiramos que seja, mas que por natureza jamais é o *É*.

*O Tao se mantém na unidade.
I Ching*

Este *É*, inefável, indizível, imensurável, sem começo nem fim jamais será em nenhum qualquer que seja, em todo qualquer o *É* será apenas sutilmente invocado e evocado. Mesmo a arte de alta qualidade que saiu deste *É*, não é senão uma expressão que nos deixa uma fugaz fumaça do que *É*.



O *É* apenas é passível de representação. Sua ausência eminente de todo qualquer manifesto como tal, deixa nela uma ressonância, um eco, um canal que permite que uma fina afinação possa ser feita com o que *É*.

O Céu e a Terra se combinam e é o que se chama homem.
Capítulo 25 do SU WEN

Mas do que estamos falando? *É*, nossa origem ulterior, é inexprimível. Todo qualquer que seja não o *É* – ainda que seja chamado de Vazio ou de Nada.



Que mistério de nossa existência é este aspirar: tornar-se – UM, com o UM, como o UM – algo velado no qual todo qualquer que seja o não *É*? Do *É* se fala, se escreve, se canta, se representa em desenhos e imagens. Comumente, muitas coisas são produzidas, vendidas e consumidas como se fosse o *É*, mas visto sua condição de todo qualquer, seja ela o que seja, elas não são o *É*.



No caminhar na vida, ansiamos, mesmo sem saber, pelo *É*. Sentimos na nossa mais profunda, singular, humilde e sincera intimidade a falta do que *É*, aquilo que não *É* nada que seja. Nem mesmo o vazio do círculo, o nada acontecendo, o oco vazado, o alto teor vibratório das cores, do som, o silêncio inesperado – jamais fabricado, mas alcançado em algum momento meditativo ou que emerge no inesperado da vida – o profundo sentimento de compaixão, a presença no aqui-agora não é o *É*.



Todavia, tudo isso é um aceno, um brilho de grande esplendor e fugaz, para o *É*. Tal aceno, impulso incessante, ao qual quase sempre estamos surdos, que rege a orquestração de nosso tempo na existência é de total significado para nos abriremos, quiçá, ao *É*. Já foi dito: quem tem olhos que veja, quem tem ouvidos que ouça.

Falamos em sermos UM com o *É*, nos fundirmos com o *É*, nos abandonarmos no e ao *É*, mas o que isso realmente é para nós? A inexorabilidade da morte, de forma cabal, óbvia e concreta nos grita e nos faz recordar que o que para nós foi, não *É*. Este sentimento também experimentamos de forma mais leve nas tantas pequenas mortes que vivemos no curso de nossas vidas.

*Eu sou um círculo, eu vou te curar
Você é um círculo, você vai me curar
Unidos somos Um
Unidos com o Um*
Canto de cura da tradição indígena americana

Conhecemos a Realidade – tudo aquilo que resiste às nossas experiências, representações, descrições, imagens ou formulações matemáticas – e, cada vez mais, podemos melhor compreendê-la, entendê-la e, sempre, mais e mais nos é possível refinar nossa relação com ela, ampliar nosso conhecimento sobre ela e integrá-la no já antes conhecido e, até mesmo, comunicar a outros o que agora ousamos dizer que sabemos sobre ela. A Realidade é fenomenológica nas suas formas concretas e abstratas, sejam elas objetos, eventos ou ideias. Mas o REAL – o VAZIO – o NADA não é fenomenológico, mesmo em se tratando de uma fenomenologia sutil, e aqueles que o viveram podem apenas representá-lo, jamais transmiti-lo tal como ele *É*.



Qualquer que seja com tempo e/ou com espaço não é o *É*.

Este *É* que sempre vige todo em tudo que é vivente é facultado a alguns humanos que apenas poderão representá-lo. Assim foi no todo sempre. Seria isso a consumação suprema do *Eros in Vivo*, pelo qual cada alma anseia? E depois desta consumação sublime a possibilidade da volta à existência para irradiá-la?

Em nossa jornada heroica, no tempo-andante, nos é oferecido no dia/dia, a cada momento, transatravessar todo qualquer objetivado ou subjetivado e, ao ir desvelando o que é passível de desvelamento e, em um instante único, por Graça, por Dádiva, nunca por mérito – sem todo qualquer que seja e, pleno de devir – o REAL o VAZIO, o NADA, o *É*.

*Ora, a beleza é tudo. Platão mesmo o disse:
Na terra, a beleza é a coisa suprema.
Para mostra-la, a claridade foi feita.
Só a verdade é bela, diz um verso respeitado;
E eu lhe respondo sem medo da blasfêmia;
Só a verdade é bela; nada é verdadeiro sem beleza.*
Alfred de Musset